

A CAUDA DO DIABO: O MARXISMO DE JOSÉ ARICÓ E SUA INTERPRETAÇÃO DE GRAMSCI *

Antonino Infranca **

Em agosto de 1991, morria em Buenos Aires José Aricó, o maior intelectual gramsciano da América Latina. Tanto que, se depois de Marx, Gramsci é ainda hoje um pensador marxista lido e estudado fora da Europa, sobretudo na América Latina, isso se deve à contribuição desse intelectual.

Aricó nasceu em 1931, em Vila Maria, província de Córdoba, na Argentina. Em 1947, antes de completar a maioridade, ingressou no Partido Comunista Argentino e, quase imediatamente, inicia suas leituras da obra de Gramsci: primeiro, as *Cartas do cárcere*; e, em seguida, os *Cadernos do cárcere*, ainda nas antigas e gloriosas edições Einaudi. Naturalmente, a sua predileção por Gramsci não era unanimemente compartilhada, como ele mesmo recorda em uma entrevista autobiográfica:

Com os intelectuais eu podia falar de Gramsci, mas para participar das reuniões do comitê provincial do partido comunista, devia tomar o cuidado de recobrir a capa de seus livros para evitar admoestações, como aquela ouvida do responsável pela questão agrária do partido, de que era melhor ler as obras da Academia de Ciências da URSS do que esse tipo de livros, escritos por pessoas situadas na “fronteira”.¹

O caráter “fronteiriço” do pensamento gramsciano e, também, o fato de que Gramsci era um intelectual, um homem que não havia submetido



Gramsci

a sua reflexão teórica aos ditames do partido comunista, sendo, ao mesmo tempo, um militante político, isto é, um homem que unia aquelas duas coisas “[que] eram as coisas que eu queria unir”, são as raízes que justificam a escolha feita por Aricó desde sua fase juvenil: difundir o pensamento de

Gramsci na Argentina a fim de fornecer ao partido comunista de seu país e aos intelectuais de esquerda latino-americanos uma opção à ortodoxia soviética. Tal escolha não atraiu as simpatias do Partido Comunista Argentino, que em 1963 o expulsou de suas fileiras por ter fundado, juntamente com outros intelectuais argentinos, uma revista com título tipicamente gramsciano: *Pasado y Presente*. Porém, anteriormente, ainda em 1952, quando prestava o serviço militar, Aricó já havia traduzido para o espanhol o livro *Note sul Machiavelli*, que, paradoxalmente, atraía a atenção sobre si dos dirigentes comunistas. Já depois, em 1961, publicou também *Letteratura e vita nazionale*.

Com a revista *Pasado y Presente* e os *Cadernos de Pasado y Presente*, Aricó começou a sua luta pela desprovincialização da cultura marxista argentina. Iniciou a publicação da coleção Biblioteca del pensamiento socialista, na qual saiu a sua tradução dos *Grundrisse* de Marx. Em decorrência do golpe militar de 1976, foi obrigado a buscar o exílio no México, tornando-se professor da Universidad Autónoma da Cidade do México, dando prosseguimento à publicação dos *Cadernos* e da Biblioteca, alcançando cerca de uma centena de volumes publicados. Enquanto isso publicava obras

* Traduzido por Geraldo Magella Neris.

** Antonio Infranca é professor de filosofia, formado na Hungria, residente em Buenos Aires. Presta serviços no consulado italiano na Argentina.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.19.v0n41.2159>

fundamentais para a “tradução” do marxismo para as condições da América Latina, a saber: *La cola del diablo. Itinerario de Gramsci na América Latina, Marx y América Latina* e a obra postumamente publicada *La hipótese de Justo. Escritos sobre el socialismo en América Latina*. Com o fim da ditadura militar na Argentina, retornou ao seu país e apoiou o novo governo democrático de Raul Alfonsín, para depois se desiludir e se afastar definitivamente da política.



Raul Alfonsín

Como se indicou acima, Gramsci é para Aricó muito mais do que um autor de referência, já que a sua leitura assume os tons de uma verdadeira

experiência de vida, cujos contornos transparecem explicitamente em sua declaração: “É possível [...] que esse afeto irremovível tenha se traduzido em apresentar como história generalizações que são sobretudo a crônica de um itinerário pessoal.”²

Gramsci foi também uma bandeira através da qual o autor se serviu para empreender a luta contra a ortodoxia do PCA, vinculado a posições mais próximas ao Partido Comunista Francês do que daquelas defendidas pelo Partido Comunista Italiano, que foram elevadas pelo grupo de *Pasato y Presente* à condição de modelo político. Mas, por trás do afeto dedicado a Gramsci, também existia um interesse efetivo pela cultura italiana, e não somente por aquela de esquerda. Gramsci foi transformado em “cavalo de tróia”, ao permitir que uma parcela importante da cultura italiana do século XIX e do século XX pudesse ser conhecida além do pequeno grupo de intelectuais reunidos em torno de Aricó. E, posteriormente, através desses, para setores mais amplos da *intelligentsia* latino-americana.

Além disso, Gramsci representou para Aricó o ponto de vista a partir do qual absorveu outras versões importantes do marxismo. Assim, a idéia de uma possível emancipação das massas camponesas, portadoras de uma revolução de baixo, tornou possível uma relação com o maoísmo, que

se difundiu na América Latina na segunda metade dos anos 1960. No entanto, versões mais tipicamente latino-americanas do marxismo também tiveram uma interação com o gramscismo, de forma que alguns de seus aspectos foram enriquecidos: a forte marca do subjetivismo unido à refutação do determinismo, característica

típica do marxismo de Gramsci, permitiu aproximar Gramsci do castrismo, movimento com o qual a *fortuna crítica* de Gramsci se articula de forma sugestiva, já que o gramscismo preparou o terreno para a recepção positiva da Revolução Cubana no resto do continente, fora da ilha. E, por sua vez, o castrismo acabou incentivando a *fortuna crítica* de Gramsci. Mas, além disso, Gramsci contribuiu também para permitir o diálogo com correntes políticas não marxistas, que na América Latina tiveram um desenvolvimento específico, como é o caso do populismo. Nesse sentido, foi privilegiada a relação entre os intelectuais e as massas presente na obra de Gramsci. Com base nesse Gramsci nacional-popular, Aricó foi capaz de estabelecer uma crítica ao pensamento do próprio Marx,³ que lhe permitiu revelar aspectos “eurocêtricos” de seu pensamento, sobre os quais retornaremos mais adiante. Em conclusão:

Gramsci não nos libertou de Lênin, simplesmente nos forneceu uma concepção mais rica de suas idéias, mais aberta e estreitamente vinculada ao contexto soviético [...] [Gramsci] nos permitiu manter sempre uma certa distância, que... permaneceu mais no plano teórico que no plano político prático, com respeito às vertentes castrista-guevarista, peronista, maoísta ou mesmo social-democrata.⁴

Portanto, Gramsci foi lido e interpretado por Aricó de um modo a-histórico, como uma forma *a priori* da política, depurada da história⁵ e com o objetivo de adotá-lo como uma lente através da qual se poderia reavaliar as categorias, seja do marxismo em particular, seja da política em geral. Dessa perspectiva, torna-se compreensível algumas afirmações, como aquela de Carlos Nelson Coutinho, que falam de uma “universalidade” de Gramsci, e o definem como um dos maiores pensadores políticos da modernidade, juntamente com Rousseau e Hegel.⁶ Essa afirmação não entra em contradição com o que foi dito anteriormente

Gramsci é para Aricó muito mais do que um autor de referência, já que a sua leitura assume os tons de uma verdadeira experiência de vida...

sobre a introdução da cultura italiana na América Latina através de Gramsci, pois a universalidade de Gramsci consiste sobretudo em sua capacidade de penetrar e compreender a história italiana tão profundamente que a transforma em paradigma a ser aplicado criticamente a uma realidade social como a latino-americana, que aparentemente parece bem distante da Itália camponesa e pré-burguesa que Gramsci conheceu. A tarefa assumida por Aricó foi exatamente a de “traduzir” Gramsci para a realidade latino-americana, uma realidade social que, como aquela da Itália do primeiro quartel do século XX, era substancialmente camponesa e pré-burguesa. Foi então a forma necessária para conciliar Togliatti e Che Guevara.⁷

Mas a história da *fortuna crítica* de Gramsci na América latina não é a história de ontem, mas continua ainda hoje. O que assemelhava duas realidades tão distantes geograficamente, como a italiana e a latino-americana, era o fato de ambas serem *periféricas* com relação ao movimento do capital. E ainda a presença em ambas as regiões de grandes massas de camponeses excluídos, não só de qualquer participação política, mas também da perspectiva de emancipação política e social. Na Itália, a revolução industrial só se inicia na década de 1950, transformando os camponeses primeiro em operários e, atualmente, em trabalhadores do setor terciário. Na América Latina não ocorreu nenhuma revolução industrial de massa, mas apenas alterações econômicas e sociais que transformaram os camponeses em um subproletariado urbano, amontoado em gigantescas *favelas* e *villas miserias*. Hoje, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra representa exatamente a vontade de uma parcela expressiva desse subproletariado urbano de retornar

ao campo e de se reconverter em proletariado agrícola.

A diferença substancial entre os socialistas latino-americanos, como por exemplo, Mariátegui, e o marxismo da Segunda Internacional consiste exatamente na confiança depositada na capacidade revolucionária das massas camponesas latino-americanas. As mesmas massas que representam hoje não, somente no continente latino-americano, mas no mundo em geral, o mais forte oponente à globalização. Mais do que qualquer outro pensador marxista, Gramsci fornece categorias para a validação revolucionária do proletariado agrícola. Como reconhece Aricó:

Se a categoria de revolução passiva permitiu uma caracterização mais precisa dos processos de modernização capitalista e das novas formas que assumiram a “revolução burguesa nos países dependentes”, segundo a controversa fórmula utilizada por Fernando Henrique Cardoso em 1973, a categoria do nacional-popular possibilitava por sua vez apreender o mesmo fenômeno pela ótica das “classes subalternas” e dos efeitos sobre essas da decomposição e ruína do Estado de compromisso populista.⁸

Gramsci foi transformado em “cavalo de tróia”, ao permitir que uma parcela importante da cultura italiana do século XIX e do século XX pudesse ser conhecida além do pequeno grupo de intelectuais reunidos em torno de Aricó.

Para usar as categorias de Dussel, outro importante marxista argentino, Gramsci permitia julgar o sistema da perspectiva da “vítima do sistema”.⁹ Aliás, o próprio Gramsci era um dos poucos líderes do movimento dos trabalhadores que provinha socialmente de suas próprias fileiras.

Aricó alude ao fato de que Gramsci se torna um instrumento para a crítica não somente do sistema dominante, mas também dos movimentos políticos latino-americanos que aparentemente se apresentavam como alternativa ao sistema, mas que acabavam por reproduzir, sob outros invólucros, as mesmas contradições. Um exemplo típico é o peronismo, que buscou uma via nacional para a superação do capitalismo, mas que acabou por reforçá-lo, ao reprimir o movimento dos trabalhadores argentinos. Como Perón na Argentina, *mutatis mutandis*, se comportou Getúlio Vargas no Brasil.



Togliatti



Che Guevara

No entanto, o peronismo na Argentina e o aprismo no Peru souberam se apropriar da categoria do “nacional-popular” para utilizá-la no contexto de sua própria linguagem,¹⁰ demonstrando como a

realidade latino-americana era arredia aos esquematismos europeus quando aplicados de modo rígido à sua realidade. Mas Gramsci, exatamente ao ser utilizado pelos peronistas, colocava o problema das relações entre marxismo e peronismo, incitando a distinguir entre o profascismo presente no segundo e uma relação diversa entre as massas e as instituições estatais, relação que só poderia ser de caráter democrático.¹¹

Também no México as categorias gramscianas,

como aquela de “revolução passiva”, foram utilizadas para explicar o papel da Revolução Mexicana na desorganização das massas camponesas diante do capitalismo. No México, único país da América Latina a realizar uma revolução autóctone antes de Cuba, e mesmo antes da URSS, a revolução pelo alto desarticulou os movimentos camponeses de resistência, que tinham raízes que remontavam à época da resistência a colonização espanhola. A tentativa frustrada de Zapata consistiu em tornar “ativa” uma revolução “passiva”, e o moderno movimento zapatista se apresenta como uma extensão retomada da revolução “passiva”. Ou seja, da salvaguarda dos direitos dos índios tal como foram firmados pela própria constituição mexicana. A luta empreendida pelo EZLN não é outra coisa senão uma lenta e contínua “guerra de posição” para permitir aos excluídos do México a possibilidade de uma vida nos marcos das instituições democráticas do Estado. Trata-se, na prática, da continuação do processo de ocidentalização da sociedade latino-americana deflagrado pelas guerras de independência diante da Espanha. No entanto, esse processo de ocidentalização não significa, de nenhuma

Também no México as categorias gramscianas, como aquela de “revolução passiva”, foram utilizadas para explicar o papel da Revolução Mexicana na desorganização das massas camponesas diante do capitalismo.

forma, a *americanização* da sociedade latino-americana; porém, muito mais a sua *latinização*. Ou seja, de uma tentativa de fazer prevalecer as características latinas da civilização americana, algumas provenientes de um anticapitalismo *originário* e outras das antigas civilizações pré-colombianas ou não-europeias, no caso dos escravos africanos. Estamos diante de um confronto de civilizações, que Gramsci descreveu com as categorias de “Ocidente” e “Oriente”. Porém, ao contrário de Gramsci, aqui esses valores são subvertidos, já que Gramsci compreendia o “Oriente” como constituído pelas realidades políticas e sociais mais atrasadas, vinculadas aos nacionalismos mais reacionários, como aquelas da Rússia czarista ou da Europa balcânica, em suma, o *passadismo*. Enquanto na América Latina de hoje o passado é a realidade que se quer recuperar, porque nele estão contidos os valores morais, as práticas políticas e as concepções de mundo mais anticapitalistas, já que substancialmente pré-burguesas; articulada porém à assimilação dos valores da democracia ocidental, dos direitos do homem e da escolha consciente do próprio estilo de vida. Conseqüentemente, se trata de uma revolução *invertida* que visa realizar no futuro os valores de um passado negado, de uma *subsunção* no mais correto estilo hegeliano e marxiano, isto é, de uma *Aufhebung*, de uma superação que mantém o antigo no novo que está surgindo.

No fim de sua experiência política Aricó começou a compreender o sentido dessa *inversão* dos fatores, isto é, de uma realidade que colocava em questão os paradigmas de análise. As suas palavras são bastante sugestivas:

Se no início tentei pensar a América Latina a partir do marxismo, hoje [1986] me interessa muito mais apreender os efeitos que essa realidade irredutível aos seus paradigmas imputou a tal matriz ideológica tão perfeita e expressiva, como foi e ainda é o marxismo. Mais do que o marxismo em si, o que hoje me interessa é o que esses povos conservam de modo potencial em seu imaginário coletivo, em sua memória histórica, que possa servir para a reinvenção da América, de uma América democrática e socialista.¹²



Perón

Mesmo sendo escritas há 15 anos, bem antes da queda do Muro de Berlim, essas palavras são ainda

atualíssimas. Talvez estejamos hoje na condição de começar a repensar a relação entre o presente e a memória histórica. No entanto, para nós europeus, o problema é que a memória histórica foi completamente abolida, enquanto na América Latina, a defesa da memória histórica se articula com a defesa dos direitos humanos.

Aricó identificou nas obras de Gramsci suas tentativas de estabelecer paralelos históricos entre a Itália e a América Latina. É isso que hoje nos permite explicar a *fortuna crítica* de Gramsci na América Latina e, também, as tentativas de elaboração de uma teoria universal de emancipação das massas trabalhadoras do subdesenvolvimento, passando pela análise das relações entre os intelectuais e essas massas. Gramsci não deixou de analisar nos *Cadernos* a composição de classe particular dos intelectuais latino-americanos:

Na América do Sul e Central, a questão dos intelectuais, ao que me parece, deve ser examinada levando-se em conta as seguintes condições fundamentais: também na América do Sul e Central inexistem uma ampla categoria de intelectuais tradicionais, mas o problema não se apresenta nos mesmos termos que nos Estados Unidos. De fato, encontramos na base do desenvolvimento desses países os contornos da civilização espanhola e portuguesa dos séculos XVI e XVII, caracterizada pela Contra-Reforma e pelo militarismo parasitário. As cristalizações ainda hoje resistentes nesses países são o clero e uma casta militar, duas categorias de intelectuais tradicionais fossilizadas na forma da metrópole europeia. A base industrial é muito restrita e não desenvolveu superestruturas complexas: a maior parte dos intelectuais é de tipo rural e, em função do predomínio do latifúndio, com extensas propriedades eclesásticas, esses intelectuais são ligados ao clero e aos grandes proprietários. A composição nacional é muito desequilibrada mesmo entre os brancos, mas complica-se ainda mais pela imensa quantidade de índios, que em alguns países formam a maioria da população. Pode-se afirmar que nessas regiões americanas ainda prevalece uma situação de *Kulturkampf*



Fidel Castro



Hugo Chavez

e tipo processo Dreyfus, isto é, uma situação na qual o elemento laico e burguês ainda não alcançou o estágio da subordinação dos interesses e da influência clerical e militarista à política laica do Estado moderno. Ocorre assim que, por oposição ao jesuitismo, tenham ainda grande influência a maçonaria e organizações culturais do tipo da "igreja positivista".¹³

Gramsci indica claramente que a emancipação dos intelectuais está estreitamente relacionada às modificações na estrutura de classe, da liberação das classes subalternas do domínio dos latifundiários e de seus aparatos hegemônicos, como a igreja e o exército.

Sustenta Aricó:

É notável a insistência com que Gramsci, em seus diferentes textos, define a fase em que atravessa a América Latina como uma "situação de *Kulturkampf* e de processo Dreyfus". Fica evidente a tentativa de traduzir em termos da experiência mexicana – como forma peculiar e sistemática de constituição de um bloco nacional-popular – a categoria de reforma intelectual e moral que introduziu em seu exame crítico do *Risorgimento* italiano e em suas formulações mais gerais de teoria política... Nessa perspectiva de análise, os grandes temas da revolução passiva, do bonapartismo e da relação intelectual/massa que constituem propriamente a pesquisa gramsciana, possuem para nós uma ressonância empírica concreta.¹⁴

Posteriormente, na América Latina, o bonapartismo viria a ter expressões mais maduras no peronismo ou no getulismo. Ou ainda, de modo geral, no caudilhismo, do qual Fidel Castro e Hugo Chavez são manifestações ainda vivas e reais. No fundo, Gramsci situava os intelectuais latino-americanos diante das contradições da própria história, as quais esses não sabiam responder, senão recorrendo a categorias gramscianas como a de hegemonia,¹⁵ através da qual vislumbravam também a possibilidade de resolver a questão da relação entre ética e política. Há uma frase de Gramsci que Aricó toma como definição do intelectual latino-americano – e que, portanto, poderemos estender ao próprio Aricó:

Essa série de observações tem tanto mais validade quanto mais o pensador em questão é impetuoso, de caráter

No fim de sua experiência política Aricó começou a compreender o sentido dessa *inversão* dos fatores, isto é, de uma realidade que colocava em questão os paradigmas de análise.

polêmico e livre de espírito de sistema, quando se trata de uma personalidade na qual a atividade teórica e prática estão indissolavelmente entrelaçadas, de um intelecto em contínua criação e em perpétuo movimento, que sente vigorosamente a autocrítica de modo mais direto e conseqüente.¹⁶

Evidentemente, a *latino-americanização* de Gramsci em tal medida deixou algumas marcas na interpretação de Aricó: “A delimitação de Gramsci como um pensador do Ocidente só tem sentido na condição de não convertê-lo em um eurocomunista *avant la letre* e de admitir que suas reflexões são aplicáveis a situações que não são tipicamente ocidentais.”¹⁷ A questão é muito mais ampla do que se pode pensar quando nos referimos ao sentido comum de “eurocomunismo”, já que Aricó pretende chamar a atenção do leitor para a questão crucial a qualquer pensador não-europeu, da dimensão em que o eurocentrismo afeta o pensamento emancipatório e revolucionário, que enquanto tal deve ser necessariamente *antieuropeu*.

Com relação a Gramsci, Aricó jamais teve dúvidas acerca de seu escasso eurocentrismo, não obstante o seu pouco conhecimento da realidade latino-americana. Porém, é outro o seu discurso

sobre Marx. Aricó reconhece que Marx adotara um método semelhante ao de Gramsci. Ou seja, ao estudar a Irlanda, ele havia elaborado uma “fenomenologia do subdesenvolvimento”,¹⁸ constituindo um método de estudo das formas de domínio segundo o qual o desenvolvimento de um país dominante correspondia ao desenvolvimento de um país dominado, de modo que a relação de

domínio se tornava uma estrutura indissociável e dialética. Na prática, estamos diante do conceito de “periferia”, já aludido por Gramsci, segundo o qual só existe uma “periferia” quando se estabelece um “centro”, que por ser centro é sempre “dominante”. No entanto, Aricó rejeita a estrutura eurocêntrica que Marx havia recuperado de Hegel, a saber, aquela da *repetição histórica*.¹⁹ Marx acreditava que todas as nações, mesmo em suas formas específicas, estivessem condenadas a repetir

o mesmo desenvolvimento econômico em direção a formas capitalistas através de fases intermediárias. Hegel havia previsto a realização do *reino da liberdade* como o fim último do desenvolvimento da história humana. Porém, não sendo um estudioso da realidade empírica da mesma estatura de Marx, Hegel permanece no genérico, enquanto Marx enfrenta o estudo sistemático da história, da economia e da sociedade europeia, sem ignorar também a história não-europeia, particularmente a latino-americana, que conhecia em maior profundidade do que Gramsci. Mas, ao adotar o esquema hegeliano, segundo o qual a América era um espaço completamente *vazio* – isto é, sem espírito –, Marx retoma a definição hegeliana de “nações sem história” a propósito da realidade geográfica extraeuropeia,²⁰ extensível também à América Latina. Assim,

condenada a um presente aberto somente na medida de uma necessária repetição do caminho percorrido pela Europa, o interesse pela América decorria unicamente de sua relação *externa* com a Europa; era essa que se reconhecia naquela, que através do espelho singular americano, aprofundava o conhecimento de si mesma, de seus limites e de sua virtualidade: a “América” existia somente através da “Europa”.²¹

Portanto, Marx não capta a especificidade da América Latina – nem procura estabelecer paralelos com situações europeias, como fez Gramsci – se limitando a aplicar os mesmos paradigmas sem qualquer problematização, num evidente excesso de determinismo que, como é sabido, está completamente ausente em Gramsci. Dessa forma, Aricó chega a defender que a formação das nações latino-americanas questionava a teoria de Marx das formações sociais não-capitalistas,²² por seu caráter não periférico (no sentido colonial) e nem tampouco central: no dizer de Gramsci, em seu caráter substancialmente típico de nações da Europa meridional.

Disso Aricó extrai uma conclusão que, todavia, não é completamente negativa no confronto dessa atitude “eurocêntrica” de Marx:

Estou firmemente convicto de que existem concepções bastante consolidadas em Marx, elaborações teóricas “sólidas”, que permitem uma leitura de “sistema”, que devemos designar, com maior propriedade de linguagem, de “capitalistocêntrica”. Se queremos ser rigorosos, não podemos falar de “eurocentrismo” diante de uma elaboração que reconhece explicitamente o deslocamento do centro de gravidade capitalista – e, portanto, do

Com relação a Gramsci, Aricó jamais teve dúvidas acerca de seu escasso eurocentrismo, não obstante o seu pouco conhecimento da realidade latino-americana.

centro da revolução – da Europa ocidental para diversos outros lugares, a menos que concedamos a essa noção um significado mais “filosófico”, não relacionado à “ideologia” ou à “abordagem” de Marx, nem, tampouco, ao seu “modelo teórico-abstrato”. Assim, podemos nos perguntar em que medida esse sentido filosófico dado ao eurocentrismo se refere mais à idéia de uma unificação ecumênica dos homens, a um tipo de “polis” que permita pensar o gênero humano como uma unidade e, tornar isso possível sem lançar mão de critérios antropocêntricos, com base nos quais o “eurocentrismo” não seria uma forma impura, talvez bastarda, da idéia que o sustenta e transcende, ao designar realidades tão sólidas quanto as de “Ocidente” e de “metafísica ocidental”.²³

Então, dessa perspectiva, Gramsci também estaria sujeito a uma forma branda de *eurocentrismo*, ao procurar identificar estruturas similares em realidades sociais diversas. Mas o risco que se corre nas ciências humanas, ao se pretender aplicar instrumentos de análise que não foram forjados para uma realidade específica, não é somente aquele da generalização. Naturalmente, no campo das ciências humanas, em decorrência de suas repercussões políticas, tais acontecimentos podem ter consequências graves. Conseqüentemente, o movimento operário europeu sempre desconheceu as exigências do movimento operário latino-americano, permitindo que o grande capital explore ambos, já que nunca tiveram uma estratégia articulada, justamente pela incapacidade de desenvolver uma análise em comum.

Porém, numa certa medida, apesar dos riscos implícitos na generalização, esse esforço de ampliação é necessário. Como recorda Aricó na citação anterior, o próprio Marx – e, em geral, os marxistas – divergem na forma de conceber o gênero humano como uma *polis*, uma comunidade que englobe todos os homens. Além disso, dentro do marxismo surgiram divisões entre aqueles que consideram a subordinação ao gênero humano como um fato natural, que caracteriza a própria humanidade do homem, e alguns que logo começaram a distinguir quais homens seriam mais humanos do que outros. Sem dúvida, um proletário seria mais humano do que um burguês, e um comunista o seria em maior medida do que um proletário ainda sem consciência de classe. A história dos trabalhadores foi contaminada por essa concepção de mundo grosseira e desumana, que em certa medida remonta ao próprio Marx. Aricó foi uma vítima desse modo de pensar. Um pouco

como Gramsci, que foi marginalizado pelo partido durante a fase mais amarga de segregação carcerária, Aricó foi expulso do Partido Comunista Argentino antes de ser exilado de seu país em virtude do *golpe militar* de 1976. Infelizmente, a história de Aricó é comum no movimento dos trabalhadores, não havendo praticamente nenhum intelectual que tenha podido manter a sua própria postura crítica sem sofrer sanções, marginalização ou repressão por parte das organizações dos trabalhadores. Essa incapacidade das organizações do movimento dos trabalhadores tem contribuído para a sua desintegração, afastando os intelectuais de seu movimento e estabelecendo uma relação quase mefistofélica entre as duas entidades: alguns se comparam em prometer as alegrias da eternidade; outros sonham em poder dirigir a história. Tardamente, ambos reconhecem os seus enganos.

Aricó não escapa dessa ilusão de dirigir a história. A partir de 1983, após o retorno da democracia na Argentina, talvez motivado pela ilusão de desenvolver um papel semelhante ao do intelectual orgânico gramsciano de interlocutor do poder político, se aproximou do partido radical e do presidente Alfonsín na esperança de colaborar para o renascimento da democracia na Argentina. Contínuos e recorrentes foram os seus protestos em defesa da democracia e da superação da divisão entre os marxistas e as demais forças democráticas, que criava divisões vantajosas às classes dominantes e aos militares, seus servos. Recordava que o slogan preferido de Marx era *de omnibus dubitandum*.²⁴ O marxismo de Aricó foi sempre um marxismo aberto, pluralístico; em uma palavra, gramsciano. Um marxismo que pressagiava

que surja na sociedade um movimento reformador capaz de ver os processos sociais não em termos de produtividade, mas em termos de capacidade de liberação dos indivíduos e, desse modo, será possível *retomar* imediatamente a busca da produtividade, sem perma-

Porém, numa certa medida, apesar dos riscos implícitos na generalização, esse esforço de ampliação é necessário. Como recorda Aricó na citação anterior, o próprio Marx – e, em geral, os marxistas – divergem na forma de conceber o gênero humano como uma *polis*, uma comunidade que englobe todos os homens.



Menem



De La Rúa

necer prisioneiros da lógica econômica que domina a imaginação, que nos impede de pensar tudo o que se pode mudar hoje.²⁵

A defesa de uma democracia limitada e incompleta, incapaz de resgatar a memória histórica dos *desaparecidos*, uma democracia ainda ligada à necessidade de um “salvador da pátria” e, portanto, submetida à exploração ilimitada do grande capital, foi um erro do qual Aricó se tornou consciente nos últimos anos de sua vida. Percebeu que defendia a democracia em uma sociedade em plena luta de classes: a Argentina não era a Itália, os radicais argentinos não eram os comunistas italianos e Alfonsín não era Togliatti ou Berlinguer. Assim, o único mérito de Alfonsín foi o de ter sido o melhor presidente argentino dentre aqueles que o seguiram até hoje, ou seja, o peronista Menem e o outro radical De La Rúa. E este não é um grande mérito.

NOTAS

¹ José Aricó, *Entrevistas 1974-1991*, coletânea organizada por H. Crespo (Córdoba: Centro de Estudos Avanzados, Universidade Nacional de Córdoba, 1999), p. 84.

² José Aricó, *La cola del diablo. Itinerario de Gramsci em América Latina* (Caracas: Nueva Sociedad, 1988), p. 17. A partir de agora citado como *La cola del diablo*.

³ José Aricó, *Marx y América Latina* (Buenos Aires: Catalogos, 1982), p. 242.

⁴ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., pp. 79-80.

⁵ *Ibid.*, p. 23.

⁶ C. N. Coutinho, *Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999), pp. 181-190 e 224.

⁷ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., p. 75. Um outro marxista argentino exprime juízo semelhante, cf. Juan Carlos Portantiero, *Los usos de Gramsci* (Buenos Aires: Grijalbo, 1999), pp. 142-143.

⁸ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., p. 113.

⁹ Cf. E. Dussel, *Un Marx sconosciuto*, traduzido para o italiano por Antonino Infranca (Il Manifestolibri, 1999), pp. 206-207. Ver também *El otro Occidente*, traduzido para o espanhol por C. Cuellar (Buenos Aires: Antidoto, 2000).

¹⁰ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., p. 118 e *Entrevistas*, cit., p. 124.

¹¹ José Aricó, *Entrevistas*, cit., pp. 100-101.

¹² *Ibid.*, p. 182.

¹³ A. Gramsci, *Gli Intellettuali* (Roma: Riuniti), pp. 19-20.

¹⁴ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., pp. 95-96.

¹⁵ José Aricó, *Entrevistas*, cit., p. 19.

¹⁶ A. Gramsci, *Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce* (Roma: Editori Riuniti, 1979), p. 93.

¹⁷ José Aricó, *La cola del diablo...*, cit., p. 89.

¹⁸ José Aricó, *Marx y América Latina*, cit., p. 64.

¹⁹ *Ibid.*, p. 98.

²⁰ *Ibid.*, pp. 78-79.

²¹ *Ibid.*, p. 100.

²² José Aricó, *La hipótesis de Justo. Escritos sobre el socialismo en América* (Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999), p. 45. Nos anos 1980, ao retornar do exílio no México, Aricó afirmava: “Acredito que as sociedades latino-americanas são essencialmente nacionais-populares, ou seja, que novamente experimentem com vigor o problema de seu destino nacional, de serem ou não nações” (cf. *Entrevistas*, cit., p. 27).

²³ José Aricó, *Marx y América Latina*, cit., pp. 238-239.

²⁴ José Aricó, *Entrevistas*, cit., p. 64.

²⁵ *Ibid.*, p. 175.